

Simões Dias

tem jus a uma homenagem colectiva no dia do centenário do seu nascimento

Para todos os portugueses, mas principalmente para nós, os naturais da comarca de Arganil, o dia 5 de Fevereiro de 1944 deveria ficar a assinalar alguma coisa acima do viver banal de todos os dias.

Assim o entendemos nós, assim o entendeu, há bastante tempo, em felicíssima deliberação comum que muito o honra, o Município de Arganil, assim o entenderam os consagrados escritores dr. Mário Matias e José Lencastre, e assim o entenderão — disse nos convencemos plenamente — todos quantos sentirem latejar ainda dentro do peito o sentimento de bairrismo, de amor pela literatura nacional, e, quasi diríamos, de gratidão, de solidariedade, de justiça.

José Simões Dias, que em 5 de Fevereiro de 1844 viu pela primeira vez a luz bendita com que o sol, escondido por entre as nuvens de inverno revestia a aldeia da Benfeita, brilha incontestavelmente no céu esplendido do nosso lirismo como estrela de primeira grandeza, e figura ainda em plano de honra na galeria dos jornalistas, dos mestres e dos políticos do último quartel do século do romantismo.

A sua vida de 55 anos foi um dobrar-se de actividades ao serviço duma pátria que sempre estremeceu, desde os tempos em que, concluído brilhantemente o curso de Teologia no Seminário de Coimbra, deu ingresso na Universidade, entrando também em contacto com as musas, até aos últimos dias que, como fruto de tanto trabalho e canseiras, pouco mais lhe trouxeram que alguns admiradores do seu estro, do seu talento.

A sua vastíssima obra poética, infelizmente tão desconhecida e postergada até mesmo portas a dentro das aulas de Literatura, é uma verdadeira maravilha de lirismo simples, popular e espontâneo, que, constituindo embora um parentesco na orientação geral da escola do seu tempo, to-

davia nos encanta e eleva, como encanta e eleva a alma simples dum João de Deus, espalhada nas pétalas das suas «Flores do Campo», ou dum Augusto Gil, nas inúmeras manifestações do seu pensamento de sonhador.

«Sol à sombra», «O mundo interior», «A ciência do dinheiro», ou «A hóstia de ouro», «As peninsulares», «Ruínas» e tantos outros, são monumentos que a sua simplicidade levanta e a que nem o continuar dos tempos, ou o rugir das tempestades adversas, poderão arrancar uma pedra. Isto, no campo da poesia, porque, mesmo como prosador, éle sobrepuja a muitos cujos nomes alguns críticos revestiram de apavonadas parangonas em compêndios, jornais ou revistas.

Parecem escritas para o nosso Simões Dias estas palavras dum Mestre: «Ao ler os seus versos, julga-se ouvir uma embaladora música que em plena consonância se vai erguendo da terra, até se perder, pouco a pouco, mansamente, nas regiões etéreas do firmamento».

E Camilo Castelo Branco não hesitou também em afirmar no seu «Cancioneiro Alegre»: «Conheço poucos poetas; gosto de pouquíssimos, entre os que conheço. Simões Dias ainda ontem entrou no pequeno raio das minhas estantes em que estão os bons».

Quanto a nós, devemos confessar que desde há muito consagramos ao genial polígrafo uma simpatia que ninguém pode acoimar de parcial, pois sempre desejámos pôr, como ponto de partida do nosso agir, a bandeira da justiça. Por isso nos associamos também, de alma e coração, à homenagem de Fevereiro próximo, e que deve ser realmente o evidenciar duma grande simpatia e admiração por um dos mais ilustres filhos da Benfeita, da nossa região e — porque não dizê-lo? — de Portugal

GIL DUARTE..